

“FOLHAS” — Fui ver a última “conjunta” das “Folhas”, já desmontada. Examinei, no entanto, os trabalhos de alguns pintores. Hercules Brasotti parece-me, entre os que compunham o antigo grupo concretista de São Paulo, um dos que poderão manter uma produção de nível qualitativo. Os trabalhos de Willys de Castro não vi, pois os estavam justamente embrulhando quando cheguei. Sobre duas artistas já havia ouvido recomendações. Sergio Milliet aconselhava-me a ver a nova de Tomie Otake, e Quirino de Silva escrevera enaltecendo Giselda Klinger. Os trabalhos de Tomie pareceram-me sem dúvida superiores aos de sua individual no M.A.M.; aproximou-se ela das composições de Mabe, ficando no entanto em posição inferior. Existe mais pintura, sem dúvida em sua atual fase, mas Mabe, que é Mabe, já é uma coisa muito problemática. Fica muito atrás de outros, os chamados “pintores caligráficos” japoneses, os abstratos europeus, e o seu sucesso depende ainda do que conseguir realizar. Que dizer portanto de Tomie? Acho a coisa um pouco duvidosa, no entanto a posição a tomar, não resta dúvida, é incentivar Tomie. Quando a Giselda, sua nova fase mostra que encontrou um caminho que poderá ser bom. As obras anteriores eram confusas e desorientadas. As telas que expôs não são boa pintura, mas Giselda poderá fazê-la muito cedo, se trabalhar. Maria Leontina pareceu-me ter esgotados os recursos de sua “maneira”, cujo auge poderia ser apontado sem receio naquelas peças da exposição que realizou recentemente na Galeria Ambiente, justamente (e com rara felicidade) enaltecidas por Geraldo Ferraz, em 1958. A pintura de Maria Leontina agoniza. No clichê, um trabalho com que Maria Leontina concorreu ao

de 9 a 16 de dezembro de 1959

CRITICA DE SÃO PAULO

ARTES PLÁSTICAS - Paulo Marauca